

JOSUÉ DE CASTRO ANTES DA FOME

NORMANDO JORGE DE ALBUQUERQUE MELOⁱ

Resumo: Nenhum intelectual foi tão profundamente identificado com um tema como Josué de Castro é com a fome. Ela foi uma idéia obsessora e ele a inseriu entre as categorias do pensamento moderno. No entanto, apesar de conhecida desde os seus anos de infância vendo de perto a miséria dos alagados do Recife, a fome nem sempre foi uma questão para ele, tampouco surgiu como um desenvolvimento linear de sua produção intelectual. Na verdade, o encontro com o tema foi um desses inesperados da vida, que jamais teria acontecido se tudo o mais fosse como deveria ter sido. Acompanhando a trajetória de Josué até a inclusão da “fome” na sua agenda, por meio de uma análise que integra vida e obra, o objetivo deste artigo é observar como se construiu a relação do intelectual com o seu tema, dando a ver os mediadores que se interpuseram neste percurso.

Palavras-chave: Josué de Castro. Trajetória. Agenda intelectual. Fome.

Abstract: None intellectual was so deeply identify with the issue as Josué de Castro is with the hunger. It was an obsessive idea and he inserted it between the categories of modern thought. However, although known since his childhood years watching closely the misery of the flooded areas of Recife, the hunger has not always been an issue for him, neither has emerged as a linear development of his intellectual production. Indeed, the encounter with the issue was one of those unexpected of life, it would never have happened if everything else was as it should have been. Following the path of Josué to the entrance of "hunger" in his agenda, through an analysis that integrates life and work, the aim of this paper is to see how he built the relationship of the intellectual with his theme, making visible the mediators who brought this route.

Keywords: Josué de Castro. Trajectory. Intellectual agenda. Hunger.

INTRODUÇÃO

Poucos autores são tão intimamente identificados com um tema, como Josué Apolônio de Castro, que “não gostava do Apolônio” (Ludermir, 1983), é com a “fome”. Quando há esta identificação, ela sugere muito mais, e quase sempre, a especialização, mas de modo algum este não foi o caso de Josué. Ele identificava na especialização, “contingência forçada da civilização ocidental”, um obstáculo para o planejamento de soluções adequadas para o problema da alimentação no mundo. A “civilização dos especialistas” é composta por homens de “rigorosa visão técnica”, “visão

cultural deficiente” e “miopia política”, que perde a noção de conjunto em função de uma “mutilação didática” (Castro, 1954). O nosso autor abordou a fome em sua complexidade, como experiência bio-psico-social, isto significou uma expansão que colocou sua obra à serviço de uma reflexão profunda sobre a condição do humano no/com o mundo, a partir de temas universais: fome, desigualdade, desenvolvimento, meio ambiente, paz.

Sua atuação foi responsável pela inclusão do tema na agenda político-midiática internacional, e lhe levou a assumir a presidência da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) e,

posteriormente, fundar a ASCOFAM (Associação Mundial de Combate a Fome) em 1957 e o CID (Centro Internacional para o Desenvolvimento). Pode-se dizer que ele inspirou, direta ou indiretamente, a criação das primeiras instituições públicas voltadas para a questão alimentar no Brasil, de modo que a história das políticas públicas nessa área se confunde com a sua história de vida. Se esta relação lhe rendeu prestígio internacional, no Brasil, foi responsável por seu “apagamento” (Melo, 2007) – mesmo quando do seu falecimento em 24 de setembro de 1973 no exílio em Paris-França, pouco se comentou nos jornais diários do Brasil (Marques, 1983). Assunto “delicado” e “perigoso”, a fome constituía um “tabu” de nossa civilização: racionalista demais para reconhecer um instinto primário, desenvolvida demais para reconhecer seu “fracasso em melhorar as condições de vida das classes esfomeadas” (Castro, 1954). A maior das evidências era a escassez bibliográfica sobre o tema, a qual Josué de Castro chamou de “conspiração do silêncio”. “Foram os interesses e os preconceitos de ordem moral e de ordem política e econômica de nossa chamada civilização ocidental que tornaram a fome um tema proibido, ou pelo menos, pouco aconselhável de ser abordado publicamente” (Castro, 1948, p. 14).

Ao construir a fome como um “complexo”, que permitia escapar do seu aspecto meramente biológico, e lhe situava, concomitantemente, como um produto da criação humana, Josué conferia um estatuto político à temática e rompia com a “conspiração do silêncio” que havia em torno dela, assumindo abertamente os riscos de ser queimado na fogueira – fogo que ele sentiu quando seu nome figurou na primeira lista de exilados com o Golpe Militar de 1964. Como ele bem observou em *Fisiologia dos Tabus* (1938), o interdito está indissociavelmente ligado ao contágio, de modo que a fome e tudo o que a ela se vincula devia ser evitado. Para Josué de Castro, isso resultou no seu “apagamento”. Não é só a cegueira material, mas também a ideológica que esconde por não “dar a ver” (Melo, 2007). Isso explica em parte, porque

Josué de Castro continua como um desconhecido entre as gerações atuais, e o porquê de ser tão exígua a bibliografia ao seu respeito. “Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram ou dominam as sociedades” (Le Goff, 1994, p. 426). Ambigualmente, penso que é por causa desse “apagamento” que Josué de Castro chama a atenção de alguns setores da academia hoje, e que dificulta uma análise desapaixonada de sua obra.

Homem da medicina e das ciências sociais, da tribuna parlamentar e das associações e centros de pesquisa que fundou e dirigiu, da literatura e do cinema. Esses são traços auxiliares que se vinculam ao *status* principal: o intelectual – não aquele personagem isolado na torre de marfim, mas o tipo social que integra vida e obra, cuja profissão é superada pelas idéias (Morin, s/d). No caso de Josué, isto significou uma identidade de “cidadão do mundo” em uma época em que um planeta claramente dividido fazia dessa cidadania um improvável. “Josué de Castro era trezentos, trezentos e cinqüenta em um homem só” (como diria o modernista Mário de Andrade), e cada um destes representava uma frente de combate à fome, ao subdesenvolvimento, e em favor da paz. Pode-se verificar na sua imagem, nas suas características pessoais e no seu desempenho, nos quais reside a força vital do verdadeiro intelectual, um tipo “fantasticamente corajoso e revoltado, para quem nenhum poder do mundo é demasiado grande e imponente para ser criticado e questionado de forma incisiva” (Said, 2005, p. 23). É o “atrevimento do pernambucano”, lembrado por Jorge Amado em seu depoimento no documentário de Sílvio Tandler, “Josué de Castro: Cidadão do Mundo”, de 1995.

Foi como “outsider vigilante” (Said, 2005), que questiona o *status quo* e denuncia a espoliação do mundo e a extenuação da vida (Melo, 2007), que Josué de Castro alcançou posição respeitável nas ciências e na política. Ele procurou criar as condições teórico-

metodológico-políticas para o enfrentamento daquele estado de coisas que condiciona o drama da fome – os gigantes moinhos das desigualdades. Ao universalizar de forma explícita os conflitos, ele amplia o alcance humano em relação à dor de uma nação, e conecta o horror de um povo ao horror de todos os outros. Não substituiu a pesquisa pelo mero “denuncismo”, ao contrário, a pesquisa se apresentou como um esforço “macroscópico” (Rosnay, 1995), para a recomposição de um objeto fraturado pelo recorte, uma tentativa de restabelecer as relações nas quais ele está encaixado, de “refazer o todo” nas palavras de Mauss (1988) – construindo os nexos entre as grandes questões – de “mobilizar o todo” nas palavras de Morin (1993) – procurando envolver a humanidade naquela luta. Conhecimento posto em ação, eis o verdadeiro sentido da *práxis*, que sendo fiel a si mesma, pratica as idéias.

Sim. A fome é em Josué de Castro uma “idéia obsessora” (Morin, s/d), o *motus animi continuus*, que agita o espírito e que segundo Cícero é a essência da “facúndia” (Mann, 1965). Todos os seus esforços parecem ter sido em função da divulgação científica do problema, que ele descobriu ainda nos seus anos de infância nos alagados do Recife-PE, a sua “Sorbonne” (Castro, 2001). Mas nem sempre Josué foi da fome. Acompanhando a trajetória de Josué até a inclusão da “fome” na sua agenda, por meio de uma análise que integra vida e obra, o objetivo deste artigo é observar como se construiu a relação do intelectual com o seu tema, dando a ver os mediadores que se interuseram neste percurso.

JOSUÉ ANTES DA FOME

Crônicas, ensaios, artigos e poemas povoam a sua obra. O convívio na juventude com o antropólogo Artur Ramos e o folclorista Teotônio Brandão foi um estímulo para suas primeiras publicações. Seu primeiro ensaio, *A Doutrina de Freud e a Litteratura Moderna*, foi publicado na Revista de Pernambuco, em 1925. Josué de Castro tinha 17 anos e estudava medicina na Bahia. Nada mais que a inveja do

seu amigo Arthur Ramos, que havia publicado em *O Jornal*, um estudo intitulado *Augusto dos Anjos e a psicanálise*, o motivara: “veio-me uma inveja doida de tanta glória” (Castro apud Silva, 1998, p. 32). Isso explica o rebuscamento do texto, repleto de citações em inglês, francês e espanhol. Nesse texto, ele faz uma defesa da estética modernista como expressão de um sentimento artístico legítimo, em que pese à efervescência do instinto brasileiro, que é o “instinto multiplicado de trez raças”. Ao discurso “passadista” da métrica ele opõe a beleza pujante do inconsciente, que coloca em tela “o nosso século, o nosso progresso, os nossos costumes, nossa própria imagem realista na criação intelectual”.

Esse texto marca o início de sua vida literária, e nele encontramos pelo menos três aspectos que merecem ser evidenciados. Em primeiro lugar, a defesa da mestiçagem como base da vitalidade da cultura e do desenvolvimento nacional; em segundo lugar, a valorização do nacional e de sua produção intelectual que bebe do “sangue caldeado de trez raças” – nota-se claramente a sua posição no debate acerca da questão racial travado na época; em terceiro lugar, como também lembra Silva (1998), a defesa daquilo que chamou de “arte comprometida”, que retrata a realidade do povo brasileiro. Estas idéias irão acompanhá-lo, bem como a doutrina de Freud, que ele retomará em várias outras obras, a exemplo de *Fisiologia dos Tabus* (1938) e *Geografia da Fome* (1946). Na época, achava que a psiquiatria era o caminho para relacionar a medicina e a poesia, de modo que pensou em ser médico psiquiatra.

Isso pode ser visto em duas crônicas que publicou em 1927. Em *Arte e Ciencia*, resenha do romance psiquiátrico, “M. Mossard Amant de Néere”, de Théo Varlet, Josué de Castro elogia a compreensão que o autor tem da tendência do esquizóide, revelando a lamentação do personagem que aspira à “eternização de seu sonho, a dissolução de todos os liames que o prendiam ao mundo real”. O texto traz referências a Augusto dos Anjos, Edgar Allan Poe, Criton, Arthur Ramos e Freud. Em *Poeta Americano*, Josué de Castro exalta o “Libro de Gay Vivir” de Luis L.

Franco, jovem poeta argentino. É a alegria de viver que o encanta na obra, o entusiasmo de entregar-se e integrar-se à natureza, à liberdade e à autenticidade do pensar e do sentir, de apreciar o “espetáculo do mundo”. Este livro parece ter tido grande impacto sobre Josué, conforme se pode ver em *Poema* (1929).

Eu sonho sonhos distantes,
Em barcos ausentes, velozes, ondeantes,
Paisagens vivas, longes, diferentes.

Eu sonho sempre. Sonho!
Do outro lado do mundo,
Onde eu não sinto necessidade de saber,
Onde eu seja paisagem simples,
Integralizada na componencia
Exclusiva dos motivos naturaes,
Onde eu exista para prazer dos sentidos,
Como fórma e nada mais.

Eu sonho com o mar estranho,
De praias exóticas, desconhecidas,
Ignoradas de mim.

Eu sinto uma saudade louca
Dos meus sonhos loucos
Que nunca se realizaram.

Segundo Silva (1998), Josué de Castro manifesta, em suas anotações pessoais, o recorrente sentimento de irrealização. Sua vida parece ter tomado um rumo bastante diferente daquele com o qual sonhava. Ao jovem de 21 anos, a experiência acadêmica foi um fardo, poucos professores o entusiasmaram. *Poema* expressa o sonho de liberdade de quem não quer “intoxicar o cérebro no ar confinado das bibliothecas”, eis o poeta americano, “uma intelligencia lavada, sem o desequilibrio morbido do genio, nem o artificialismo perro da cultura”. Sua vaidade, no entanto, lhe conduziu a um universo de notáveis, no qual ele se viu diante de grandes desafios e responsabilidades. É do “poeta americano” que ele se distancia, sempre querendo voltar – como o mar, que feito onda, quer ser rio. A dúvida constante entre arte e ciência vingaram numa forma híbrida de pensar.

Ao lado de *Poema*, contam-se outras seis aventuras poéticas de Josué de Castro: *Estética*

Moderna de 1929, *Raça Preta* (dedicado a Hélio Bandeira) de 1927 e *Pequeno Poema* de 1928; além dos inéditos: *México, Puebla, Noite do México* (todos de 1930). Para Silva (1998), ele teria sido movido pela liberdade de rima e métrica do modernismo, cujas influências recebeu de perto. Sua relação com a arte se evidencia nos seus contatos e amizades: Mário de Andrade (com o qual se correspondeu por longos anos), Cecília Meireles (com quem escreveu *A Festa das Letras*), Rachel de Queiroz (a quem dedicou o *Geografia da Fome*), Lula Cardoso Aires (que ilustrou a primeira versão do mesmo *Geografia da Fome*), Cândido Portinari (que fez um retrato seu, presente na obra *O Drama Universal da Fome*), Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto e Cícero Dias, para citar apenas os brasileiros (Carvalho, 2002). Como se a arte não lhe abandonasse, foi o Movimento Mangue, no Recife, que lhe redescobriu na década de (19)90, e convocou os jovens a saberem quem foi Josué de Castro. Ele é referenciado em uma das letras de Chico Science: “Ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça. Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça” (Da Lama ao Caos). A letra indica a atualidade do pensamento de Josué de Castro, ou simplesmente, Josué.

Ainda de 1928, há as duas crônicas: *O Spleen de Misiritão* e *Dansa de Suburbio*, e o artigo *Mexico-Brasil*, no qual reafirma sua posição em favor da “mestiçagem”, dessa vez como um fator de paz. Pela primeira vez tematiza as relações internacionais, condenando o imperialismo europeu e defendendo a união dos povos, a começar pela unificação da América Latina. Nenhum lirismo panamericanista, mas o fortalecimento da autoestima da raça, para criar uma “America que faça frente aos ingleses e depois os convide para o banquete da reforma do mundo em igualdade de condições”. Para ele, é o exemplo latino-americano que dará as diretrizes para o mundo, em busca da “irmanação integral”: “Etapa por etapa. Do individualismo ao socialismo. Derrubando primeiro os preconceitos de classe. Segundo os de raças. Terceiro os de nacionalidades”. Não a política de imposições e respeito forçado da Europa, ou da “conquista psíquica” da América do Norte,

mas uma política de liberdade, confiança e solidariedade. Sua preocupação com a paz naquele contexto entre-guerras é evidente, “sejamos latinos e sejamos pela paz”. Neste artigo, demonstrava também sua fé em organismos internacionais. No futuro, integraria uns e fundaria outros.

A partir de 1929, já transferido para o Rio de Janeiro onde concluirá o curso de medicina, sua produção se intensifica. Nesse ano ganham destaque os escritos sobre cinema, literatura e pintura. A questão central é o desenvolvimento técnico e a linguagem artística. Josué reafirma a posição modernista que define territórios artísticos, de modo que cada expressão artística pressupõe uma linguagem própria. A dificuldade do cinema em se estabelecer como uma “arte pura” residia no fato de que ele ainda não havia se libertado totalmente do domínio da literatura (e do teatro). O talento do diretor demonstrava-se na transposição daquilo que continha de fotográfico no material escolhido no campo literário para o “écran” – “visualizar a idéia” (*Cinema e Literatura*). Assim, o cinema foi uma “invenção desordeira com tendencia a revoluções e brigas. Revolucionou a literatura e brigou logo com o teatro”. Abaixo os filmes “literários”, “históricos” e “sentimentais”. A finalidade do cinema deve ser a “fotogenia”, ele “deve ser apenas imagens. Sugestões que despertam no inconsciente dos expectadores”. O cinema é entendido como uma “syntése luminosa de todas as artes”, não uma mistura ou superposição, mas uma “estilização” (*Objectivas e Perspectivas*).

A “briga” do cinema com o teatro é tematizada em *Renovação de Arte* e *Agonia do Teatro*. Diante das acusações de que o cinema estava matando o teatro, ele ironiza: “O teatro não morreu. Deixou-se convencer que era cadaver. Também era só o que faltava”. Ao teatro antigo, que nada tinha da vida e que ficou parado enquanto o público caminhava, ele opôs o teatro novo de Pirandello, com seus personagens humanos, e dos russos Torloff e Stanislawski (*Renovação de Arte*). Mas o cinema continuou avançando e “despojando o inimigo de suas melhores posições”: Max Reinast e

Pirandello, “os dois grandes directores teatraes que se passaram para o cinema fascinados pelo dinheiro”. Este era o golpe fatal contra o teatro, sobre o que afirma: “eu por mim, em caso de guerra e chamado as fileiras, por amor ao mais fraco seria pelo teatro, mas por amor a pele seria pelo cinema” (*Agonia do Teatro*).

Um outro obstáculo se colocava para a “marcha do cinema” rumo a “arte pura”: o advento do filme sonoro. A esse respeito escreveu *Arte Silenciosa*, em que faz a defesa do cinema como “arte das sombras”, cujo “gesto é a sua única linguagem”, e que “theatralizado elle morrerá para sempre”; e *Cinema Falado*, no qual critica a perda da inteligência nos filmes sonoros, “copia servil de oratória plagiada”. No cinema (sempre com muitas referências a Charlie Chaplin), ele destaca Griffith, “o mais antigo dos verdadeiros directores de cinema”, foi ele o primeiro a compreender que o cinema não era um teatro fotografado, “o diretor das grandes ‘performances’”, que extraindo a melhor expressão do ator conseguia suprimir os letreiros (*Escolas Cinematográficas*).

Em *Cinema Brasileiro*, fala de modo entusiasmado do filme “Barro Humano”, como a primeira “realização verdadeiramente artística da arte silenciosa no Brasil”, e o grande presente que o Brasil oferecia ao cinema mundial. Já em *The Patriot*, ele critica o transcendentalismo inacessível no filme de Ernst Lubitsch em detrimento da imaginação. Estes escritos estão relacionados à sua participação no “Chaplin-Club”, um “club estético, por excelência” (*O Chaplin Club do Rio, e o seu Jornal puramente cinematographico: Como o Sr. Walter Benevides expõe os objetivos dessa interessante associação*), que fundou com Plínio Sussekind Rocha e Octávio de Faria, em 13 de Junho de 1928. O clube distribuía um jornal que tratava exclusivamente de cinema: “O Fan”. Nele eram divulgados os trabalhos dos sócios, empenhados em colocar o cinema nos “círculos de debates intelectuais como coisa séria e nobre” (Silva, 1998).

Ainda deste ano é *Cartazes*, crônica que leva o título da coluna para a qual escrevia no *Diário da Tarde*, de Recife-PE, sobre acontecimentos artísticos da época (em que faz

a defesa do cartaz como à linguagem apropriada ao ritmo da cidade), *O Snobismo, a Guerra e a Pintura* (crítica a ascensão dos *snobs* na arte em decorrência do fim da guerra), *Cícero Dias e Kretschmer* (novamente a psiquiatria e a relação arte e ciência). As exceções do período são o conto *Eu e Cia* (sobre um triângulo amoroso a partir de referências matemáticas), *Maluquice e Urbanismo* e *Terra Rôxa-Porto de Santos* (duas crônicas), *Tintas e Traços* (sobre seu primeiro encontro com Lula Cardoso Ayres e o talento do pintor), *Civilização do Oriente, Uma enquête, Imperialismo Ianqui* (os três são comentários sobre acontecimentos da época, que publicou na coluna Atualidades no *Jornal Pequeno* de Recife-PE).

Merece destaque o artigo *Estudos Americanos – Salvador Diaz Miron ou o Espírito Mexicano (Homenagem ao General Medina Barron)*, publicado em 1 de agosto de 1929 no *Diário da Manhã*, do Recife. A pouco mais de um ano desta publicação havia falecido o poeta mexicano Salvador Diaz Miron, para Josué de Castro, um representante do “espírito mexicano”. Sobre ele, diz: “Com a coragem de quem não ama a vida, e sim o seu ideal, ele incita a revolta contra o jugo do inclemente”. Diaz Miron foi precursor da revolução no México e um iniciador do socialismo moderno, e como vários precursores e revoltados, expiou “o perigoso privilegio de viverem no futuro”. A admiração que manifesta por estes tipos parece ter se materializado na sua caminhada.

Josué chama atenção para o profundo desconhecimento dos latinos acerca da história e dos valores artístico-culturais da América Latina. Da Europa, conhecem o movimento modernista francês; mas do Brasil, ignoram Murilo Mendes, ou que Aluísio de Azevedo “é admiradíssimo na Inglaterra, e que o poeta mexicano Amado Nervo, é lido e conhecido em toda Europa”. Da mesma forma, o México é um país desconhecido dos outros países americanos. Com esta afirmação, ele retoma a questão da integração latina e da valorização deste continente, presente no já referido artigo *México-Brasil*.

A inexistência de intercâmbio intelectual e comunicações directas com Sulamerica e ainda mais, a espessa cortina de barbaras mentiras que as agencias telegráficas norte-americanas espalham pelo mundo, tendo como teatro as terras virgens da Nova Espanha, tudo isto occulta aos nossos olhos o espectáculo radioso que é o progresso dessa gente. A luta titanica deste povo forte, de gestos nobres e independentes, pela victoria da America livre (Estudos Americanos: Salvador Diaz Miron ou o Espírito Mexicano – Homenagem ao General Medina Barron, 1929)

Neste artigo, ele afirma ter sido o México o primeiro país americano a encarar a questão social como um de seus problemas primários. Josué cultiva grande admiração pelo México. Participou da fundação, no Rio de Janeiro, do Centro Universitário Cuauhtemoc de Cultura Latino-Americana, em 16 de Setembro de 1929. Neste mesmo ano ele chefiou uma delegação de estudantes brasileiros em comemoração à posse do novo presidente do México, Pascual Ortiz Rubio. Embarcou para o México duas horas antes da sua colação de grau, e pediu que durante a cerimônia alguém respondesse por ele: “*Eram 480. Ninguém reparou*” (*Castro em Entrevista a Pedro Bloch*, In: Josué de Castro – Perfis Parlamentares 52). Em seu discurso, Josué saúda os colegas mexicanos: “Para um brasileiro, abraçar um mexicano, é um puro prazer”. Ele via esta aproximação com o México, “coração impetuoso da America livre”, com muito otimismo. A guerra havia deixado profundas marcas nas nações, e a paz de 1918 não era senão uma “guerra latente”. “Nesta rede de animosidades mutuas só os povos de latino America não trançaram os seus fios. Isto é uma grande esperança”. Essa esperança residia na força da solidariedade humana, que já começara a imprimir na “consciencia dos povos” um “espírito internacionalista”. A integração da América Latina é o passo mais importante nesta direção, mas para isso é necessário que “o homem moço de America conheça o seu continente como o athleta

conhece a arena onde exercita a sua força”, não como política de exclusão, mas de combate ao imperialismo, cuja crítica reafirma em *Coisas de Norte America*. Tais princípios são norteadores de sua obra.

A questão mexicana se fortalece nos escritos de 1930, quando volta ao Recife. Em *México – Acontecimento Social* (publicado no *Diário da Manhã* – seguido por *Antonio Prado – um acontecimento de arte e política*, exemplo de uma “compreensão inteligente e moderna” de política e administração pública a frente da prefeitura do Rio de Janeiro), ele apresenta o México como um acontecimento social “gêmeo da Rússia”. “A revolução mexicana aspira um independência integral. O México é um país que crê na sua história mais que qualquer outro”. Até no Brasil, “país essencialmente mudo e indiferente”, surgiu um livro a respeito. E conclui, “o México existe apesar dos Estados Unidos”. Nos dois artigos publicados no jornal *A Província*, ambos intitulados *A revolução mexicana vista de perto*, descreve suas impressões de viagens a este país, sempre exaltando a força da cultura e o desejo de independência do povo mexicano, que culminou com a revolução que nem a interferência norte-americana pôde barrar. Em *Motivos Mexicanos*, também publicado no jornal *A Província*, fala sobre a pobreza herdada da colonização espanhola daquele país, e o semblante triste dos índios mexicanos, ao mesmo tempo em que exalta a sua força: “Índio mexicano, tu és triste porque nasceste para a arte e para a luta. Para o amor e para a morte. A vida é triste.” Parece ser assim que o próprio Josué se via: para arte e para a luta.

Ainda em 1930 publica no jornal *A Província*, jornal em que se prolongou o regionalismo encabeçado por Gilberto Freyre no Congresso de 1926, que opunha a tradição ao estético defendido pela Semana de Arte Moderna de São Paulo em 1922 (Silva, 1998), o artigo *A Elite Brasileira*. Trata-se de uma crítica a “inação” dos intelectuais do Brasil, que ele divide em dois grupos: o “pessimista desalentado que não crê no nacional” e para quem “não vale a pena realizar nada”; e o “patriota oficial”, “homens de ação nas

palavras”, de “olhos entusiastas”, para o qual o país vai muito bem. Ambos distanciados dos problemas “realmente sérios” do homem ordinário. Assim, conclui a crônica com dizeres provocadores: “Precisa-se de gente séria no Brasil”.

As duas crônicas, *Pensamentos da Broadway*, também publicadas em “A Província”, são escritas a partir da sua experiência nos Estados Unidos, para onde seguiu depois da renúncia de Pascual Ortiz Rubio à presidência do México, ferido a bala em um atentado no dia de sua posse. Lá, permaneceu por quatro meses estagiando na Universidade de Colúmbia e no *Medical Center* de Nova Iorque (Carvalho, 2002). Em *O Orador Público*, apresenta um bêbado que vivia no Largo do Machado, no Rio de Janeiro, que transbordava em discursos pessimistas, para Josué este era o tipo “mais representativo dos partidos políticos que fracassaram no Brasil”. No *Ensaio sobre o leite*, tematiza a modernização da cidade do Recife, a partir do serviço de fornecimento do leite, que perdia o “encanto bucólico” do “pregão dos leiteiros acordando a alma das ruas nas manhãs adormecidas”, em nome da higiene e “por culpa do finado Pasteur”. Pode esta crônica ser uma homenagem e até um saudosismo do tempo de seu pai entregador de leite nas ruas do Recife. Há quem diga que muitas vezes ele acompanhava o pai, mas não há documentos comprobatórios, nem um depoimento do próprio Josué a respeito.

Há ainda dois escritos inéditos: o conto *A Glória do Circo* e a crônica *Conversa com o diabo*, nos quais o autor “derrama o seu spleen”. Vê-se, pois, a tensão entre o otimismo e o pessimismo, o cansaço de um combatente que encontra na poética o seu modo de expressão. Este é um dos contornos do desenvolvimento poético na obra de Josué de Castro. Em *Conversa com o Diabo*, Josué apresenta o Diabo como uma figura alta e pálida, sisuda, com trajes pretos e luvas impecáveis e bastante jovem, “mas dessa juventude que viveu intensamente e é mais triste que a própria velhice” (outra passagem na qual Josué nos dá um pouco da imagem que fazia de si). Não costuma vir na terra, pois os

homens não o interessavam mais: “deixam-se vender por qualquer coisa e valem cada dia menos. Não tem mais nem alma nem nervos, talvez mesmo não tenha sangue suficientemente vermelho para traçar as letras dum contrato”. “A morte de Deus é a questão central desta crônica, que tem seu ápice quando o autor faz um desafio ao diabo para que este se torne mais que Deus: “ser o anti-Deus” (Silva, 1998, p. 191), e não se sabe se por tristeza ou revolta ou alegria, o diabo chora.

A Glória do Circo passa-se no Rio de Janeiro. Léo, o protagonista, é um violinista desempregado que não consegue se realizar. É um tipo sonhador possuído pela música que embala a sua vida e pede para ser tocada. Desacreditado como músico, acaba encontrando uma oportunidade em um circo que chega a cidade – O Grande Circo Nacional. Como um simples número musical não interessa ao diretor do espetáculo, Léo se oferece para um número novo de trapézio. Na hora de sua apresentação, todos os olhares se dirigiam para ele, Léo – o pássaro humano. Equilibrando-se em uma cadeira apoiada por dois pés sobre o trapézio, ele arranca palmas da platéia, mas ainda insatisfeito, pede que subam uma esfera de metal dourado que põe sobre o plano liso da cadeira. Solto das cordas, apóia seu corpo sobre a esfera e pede que subam o violino. Lá em cima, parecendo flutuar, toca a sua música. O som das palmas emotivas da platéia abafa o som do violino e Léo espera o cessar dos aplausos para prosseguir. Mas para todos, aquele era o *grand finale*, a platéia conferia ao artista a sua glorificação máxima. Como seu último gesto, Léo salta do trapézio, e “o baque surdo de um corpo contra o solo, se mistura às últimas palmas e às últimas notas da orquestra louca”.

A Cozinha Moderna é uma Necessidade, publicado no *Diário da Manhã*, foi encontrado também nos arquivos de 1930, mas possivelmente data de 1932. Naquele artigo, Josué de Castro elogia as ações públicas no campo da higiene alimentar, como sinal de uma preocupação com um dos problemas mais sérios da vida urbana, mesmo que ainda muito aquém do que se tem feito nos países de

vanguarda, onde empresas do ramo alimentar financiavam a investigação e a divulgação científica realizada por vários institutos de pesquisas alimentares – como foi o caso de seu livro *Fisiologia dos Tabus* (1938), financiado pela Nestlé. Ele destaca a atuação do Departamento de Saúde Pública em colaboração com a Diretoria Geral de Estatística, junto aos quais ele vinha realizando um inquérito acerca das condições de vida das classes operárias no Recife, no qual foram aplicados 500 questionários sobre habitação, alimentação e vestuário entre famílias operárias do bairro da Torre, Encruzilhada e Santo Amaro.

Se a primeira publicação de Josué na direção da temática pela qual será reconhecido só ocorreu em 1932 (considerando que este é o ano real do artigo *A Cozinha Moderna e uma Necessidade*), sete anos depois do início da sua produção escrita; a aproximação com o tema começara a ocorrer dois anos antes depois de uma série de “acidentes de percurso” que lhe desviaram dos seus planos originais em relação a sua vida profissional no Recife, para onde voltou depois de formado em medicina. Ele estudou medicina (por gosto da mãe) e tinha simpatia pela psiquiatria (que se mostrava um campo propício a interlocução ciência e arte), mas ao voltar para o Recife em (19)30 não era a clínica que ele tinha em vista. Havia um cargo destinado a ele na Secretaria de Educação do Estado pelo grupo de José Maria Belo (Olívio Montenegro, Gilberto Freyre e Sílvio Rabelo), que ia ser governador. Veio, no entanto, a revolução...

Formado fui para Recife. Ia para a Secretaria da Educação. Olívio Montenegro, Sílvio Rabelo, Gilberto Freire e outros eram do grupo de José Maria Belo, que ia ser governador. Um cargo na Educação me estava destinado por todos eles. Foi quando estalou a Revolução de 30, com a vitória da revolução foram-se os sonhos de um bom emprego na administração de Pernambuco. Não houve posse e a coisa gorou. Abri então, consultório, para fazer nutrição. Eu, na realidade, queria era ser

psiquiatra, mas o Ulhoa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Vendeu-me um. Resolvi fazer nutrição. Um só livro, O Tratado, de Umber, figurava na biblioteca (*Castro em Entrevista a Pedro Bloch*, In: Josué de Castro – Perfis Parlamentares 52).

Conforme o seu depoimento, quando chegou no Recife, Josué abriu uma clínica para tratar das doenças da nutrição. Sua clínica foi um sucesso, mas os casos que atendia começaram a lhe parecer “menores” comparados com aqueles que ele via na fábrica, que o contratou para aumentar a produtividade dos funcionários, entre os quais constatou um profundo estado de penúria.

Comecei, também, a trabalhar numa grande fábrica e a verificar que os doentes não tinham uma doença definida, mas não podiam trabalhar. Eram acusados de preguiça. No fim de algum tempo, compreendi o que se passava com os enfermos. Disse aos patrões: sei o que meus clientes têm. Mas não posso curá-los porque sou médico e não diretor daqui. A doença desta gente é fome. Pediram que eu me demitisse. Saí. Compreendi, então, que o problema era social. Não era só do mocambo, não era só do Recife, nem só do Brasil, nem só do continente. Era um problema mundial, um drama universal (*Castro em Entrevista a Pedro Bloch*, In: Josué de Castro – Perfis Parlamentares 52)

Esta experiência é muito bem retratada por meio do seu alterego, Dr. Félix, no conto *Assistência Social* (contido no *Documentário do Nordeste* de 1937, e que junto com os outros artigos da seção Paisagem Viva do Nordeste servirá de matriz para o seu romance *Homens e Caranguejos*, de 1967). “Comecei a sentir que não interessava ganhar dinheiro. Achava tremendo isso de ficar emagrecendo senhoras gordas da sociedade, enquanto a cabeça me martelava com o problema da fome de tanta gente, com o ciclo do caranguejo” (*Castro em Entrevista a Pedro Bloch*, In: Josué de Castro – Perfis Parlamentares 52) – embora tenha prosseguido

com suas atividades clínicas no consultório que manteve no Rio de Janeiro entre 1936 e 1955.

Após dois anos de trabalho nessa fábrica surgiu o inquérito denominado *As Condições de Vida das Classes Operárias do Recife* (publicado originalmente no livro *Alimentação e Raça* em 1935, e posteriormente no *Documentário do Nordeste* em 1937, com o título *As Condições de Vida das Classes Operárias no Nordeste*), ao qual Josué se referiu no artigo *A Cozinha Moderna é uma Necessidade*. “Seria uma tentativa de interpretação histórica e econômica à luz da bio-sociologia”, e cujo objetivo era “revelar aos dirigentes do país e aos interessados em conhecer nossas realidades como vive, ou melhor será dizer, como morre de fome a maioria de nossa população” (Castro, 1959, p. 77), e assim, aponta para a urgência na organização de um plano de combate à má alimentação. A exemplo deste trabalho pioneiro foram realizados estudos semelhantes em outros locais do país, servindo de base para a institucionalização do salário mínimo no Brasil, em 1940.

Esta pesquisa forneceu também a base empírica para a sua tese de livre docência, *O Problema fisiológico da alimentação no Brasil*, defendida em 1932 na Faculdade de Medicina do Recife, e publicada em 1939 com o título *O Problema da Alimentação no Brasil*. Este trabalho é a pedra fundamental da sua obra, e seu encontro científico com o tema da alimentação. Aí estão esboçadas as teses contidas na sua trilogia sobre a fome no mundo: *Geografia da Fome* de 1946, *Geopolítica da Fome* de 1951 e *O Livro Negro da Fome* de 1957. Essa tese de livre docência foi objeto de crítica por parte de Gilberto Freyre, que publicava em princípios de 1934 o seu *Casa Grande e Senzala*. À crítica de Gilberto Freyre que dizia estar “inteiramente errada” a sua tese, Josué de Castro replicou em artigo publicado no *Diário da Manhã* de 03 de fevereiro de 1934: “Não critico Sociologia e não me faço de sociólogo. Apenas o trabalho a que me refiro (O problema fisiológico da alimentação no Brasil) é um trabalho médico-científico e tendo o Gilberto, sem ser médico, o comentado à maneira de sociólogo, eu também

sem ser sociólogo falarei do livro dele como médico”.

A identidade do especialista é acionada nessa réplica, mas não vingará nos escritos posteriores, nos quais apontará para a necessidade de pressupostos transdisciplinares. A questão girava em torno da distinção entre carbono e hidrato de carbono, que Gilberto Freyre desconhecia e tomou como se fossem a mesma coisa. Para Josué, aquele sociólogo não possuía conhecimento suficiente para tratar de um assunto que “não se aprende por intuição nem com uma leitura de afogamento dos grandes mestres”, e ilustra sua afirmação apontando vários erros de mesma natureza na obra de Gilberto Freyre. Transcrevo a seguir os dois últimos parágrafos da réplica de Josué de Castro:

Todos esses erros elementares são cometidos porque como sociólogo falta a Gilberto Freyre o menor espírito científico, pecando seu livro por excesso de intuição e falta de rigorismo nas observações. Aliás, esse é um defeito muito comum entre os indivíduos que no Brasil se dizem sociólogos.

Gilberto Freyre era a última esperança que me restava de que o Brasil possuísse um sociólogo que fizesse sociologia científica mas diante da revelação do seu livro onde ele demonstra uma ausência completa dos conhecimentos elementares da ciência, só posso admirá-lo de hoje em diante como um dos nossos “magníficos literatos” (*Casa Grande e Senzala*, In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*, 1983, p. 241).

Ao amigo Octávio Pernambucano, Josué que se sentiu extremamente prejudicado pelo comentário de Freyre mesmo com sua réplica, desabafou: “É, mais ele sai ganhando duas vezes, quando alguém lê o livro dele e não lê este artigo, e quando forem lançadas futuras edições de *Casa Grande* expurgadas dos erros que aponto, sem que faça a mínima referência a nossa controvérsia” (Pernambucano, 1983, p. 213). Superada a raiva, Josué de Castro exalta

Casa Grande e Senzala no prefácio do seu *Geografia da Fome* de 1946. Não posso precisar até que ponto este episódio está relacionado com a mudança no título daquela tese de livre docência criticada por Gilberto Freyre, mas ao suprimir o termo “fisiológico” e apresentá-la como *O Problema da Alimentação no Brasil*, Josué está claramente procurando situá-la em um domínio mais amplo que aquele da nutrição, quiçá sociológico. Mas seja como médico, sociólogo, geógrafo, político ou literato, Josué fora possuído por aquele tema, cujo tratamento ele complexificava a cada nova investida.

A fome começava a se tornar sua obsessão, a dominar sua agenda e seus investimentos intelectuais. Ele a transformou na pedra fundamental, que lançada ao passado (sua infância vizinha aos alagados do Recife), serviu de base para a construção de uma narrativa mítica da sua identidade intelectual, por meio da qual procurou estabelecer uma intimidade com a “paisagem negra do mangue” e toda a fome de seus habitantes. É assim que se apresenta o “prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro” (em referência a obra *Homens e Caranguejos*). Magro de romance, como ele afirma, já que a história que conta é muito mais “explicação” (“autobiografia”). Ao percorrer os lugares dessa memória, ele “explica” como descobriu a fome nos seus anos de infância nos alagados do Recife, e como nunca mais pôde se “libertar de sua trágica fascinação” (Castro, 2001, p. 22). Fascinação que hibernou até que a velha imagem voltou aos olhos da criança feita homem, que revisitando a infância a reinventou, creditando aos olhos da criança a descoberta da fome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fome é a pedra fundamental da obra de Josué de Castro, sobre a qual ele construiu a narrativa mítica de sua identidade intelectual, e pela qual ele se torna internacionalmente conhecido. Josué inseriu a fome nas categorias do pensamento moderno e seu nome ficou para sempre associado a esta questão. Foi em função dessa relação que ele se tornou influente entre os seus contemporâneos. Mas a fome, que nem

sempre esteve em sua agenda, não lhe veio como uma continuidade lógica da sua produção intelectual; foi, ao contrário, uma passagem abrupta. O encontro que lapidou essa relação foi desses inesperados da vida que o levou para o exercício da clínica médica em nutrição, e que jamais teria acontecido se tudo o mais fosse como ele planejara.

O destaque que o tema da fome teve em sua obra (e que ele próprio deu) obscureceu outras facetas de sua produção intelectual, que este artigo procurou iluminar. Entre as publicações avulsas que ganharam forma antes de seu encontro com a fome encontram-se as idéias-força que orientam sua práxis. Em alguns casos, apresentam-se sintetizadas em períodos, ou parágrafos inteiros, que Josué de Castro irá reproduzir em escritos posteriores. Ali se pode ver desenhar as suas primeiras preocupações focais: a arte (como extensão da semana de arte moderna de São Paulo) e a política, traduzida na crítica ao imperialismo e na defesa de uma inteligência latino-americana (como extensão da experiência do fim da primeira guerra). Para a arte e para a luta.

Penso que observar os caminhos que levam ao encontro um pesquisador e o seu tema, por meio de uma perspectiva que integra vida e obra, nos permite observar o quanto de “acaso” e de processos muito pouco intelectivos atuam nesse campo. Trata-se de um exercício de suma importância para os que desejam compreender o processo de produção da ciência e do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

CARVALHEIRA, Renato. *Josué de Castro: o sociólogo da fome*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de Brasília, 2002.

CASTRO, Josué de. A Doutrina de Freud e a Litteratura Moderna, *Revista de Pernambuco*, Recife, set. 1925.

_____. Arte e Sciencia. *s/ref.*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1927.

_____. Um Poeta Americano. *s/ref.*, Rio de Janeiro, 26 de ago. 1927.

_____. Raça Preta. *Diário da Manhã*, Rio de Janeiro, 1927.

_____. O Snobismo, a Guerra e a Pintura. *Diário da Tarde*, Recife, 28 de jan. 1928.

_____. O *Spleen* de Misirritão. *Revista Para Todos*, Recife, 8 de dez. 1928.

_____. Dança de Subúrbio. *S/ref.* 1928.

_____. Pensamentos da Brodway. *A Província*, Recife, 1928.

_____. A Arte Silenciosa. *Semanário PARAMOUTH*, *S/ref.*, 1928.

_____. México – Brasil. *S/ref.*, 1928.

_____. Pequeno Poema. *Revista Antropofágica*, São Paulo, 1928.

_____. Cartazes. *Diário da Tarde*, Recife, 26 de jan. 1929.

_____. Objetivas e Perspectivas. *Diário da Tarde*, Recife, 29 de jan. 1929.

_____. Cícero Dias e Kretschmer. *Diário da Tarde*, Recife, 1929.

_____. Coisas de Norte América. *Diário da Tarde*, Recife, 20 de fev. 1929.

_____. The Patriot. [Trabalho lido na 13ª sessão do Chaplin-Club], 1929.

_____. Renovação da Arte. Theatro Antigo, Theatro Novo. *Diário da Manhã*, Recife, 26 de mai. 1929.

_____. Estudos Americanos: Salvador Diaz Miron ou o Espírito

Mexicano – Homenagem ao General Medina Barron. *Diário da Manhã*, Recife, 1 de ago. 1929.

_____. O Cinema e a Litteratura. *Diário da Manhã*, Recife, 4 de ago. 1929.

_____. Maluquice e Urbanismo. *Diário da Manhã*, Recife, 1929.

_____. Cinema Brasileiro. *Diário da Manhã*, Recife, 1929.

_____. Cinema Falado. *Diário da Manhã*, Recife, 29 de fev. 1929.

_____. A Civilização do Oriente. *Jornal Pequeno*, Recife, 28 de abr. 1929.

_____. Tintas e Traços. *Diário da Tarde*, Recife, 1929.

_____. O Chaplin-Club do Rio e o seu Jornal Puramente Cinematographico – como o Sr. Walter Benevides expõe os objectivos dessa interessante associação. *Jornal do Commercio*, Recife, 1929.

_____. Agonia do Teatro. *Jornal Pequeno*, Recife, 1929.

_____. Literatura Scientifica. *O Jornal*, Recife, 1929.

_____. Escolas Cinematográficas. *S/ref.*, 1929.

_____. Poema. *S/ref.*, 1929.

_____. Estética Moderna. *S/ref.*, 1929.

_____. Saudação aos estudantes mexicanos [Discurso]. México, jan. 1930.

_____. A Revolução Mexicana vista de perto I. *A Província*, Recife, 3 de mai. 1930.

_____. A Revolução Mexicana vista de perto II. *A Província*, Recife, 7 de mai. 1930.

_____. O Orador Público. *A Província*, Recife, 6 de mai. 1930.

_____. Motivos Mexicanos. *A Província*, Recife, 18 de mai. 1930.

_____. A Elite Brasileira. *A Província*, Recife, 18 de mai. 1930.

_____. A Cozinha Moderna é uma Necessidade. *Diário da Manhã*, Recife, 1930.

_____. Ensaio sobre o Leite. *A Província*, Recife, 1930.

_____. México – acontecimento social. *Diário da Manhã*, Recife, 1930.

_____. Antonio Prado – um acontecimento de arte e política. *Diário da Manhã*, Recife, 1930.

_____. México (inédito), 1930.

_____. Puebla (inédito), 1930.

_____. Noite do Mexico (inédito), 1930.

_____. Conversa com o diabo (inédito), 1931.

_____. A Glória do Circo (inédito), 1931.

_____. [1934]. “Casa Grande e Senzala”. In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/ UFPE, 1983.

_____. *Alimentação e Raça*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

_____. *Fisiologia dos Tabus*. São Paulo: Melhoramentos/Nestlé, 1938.

_____. *Geografia da Fome: a fome no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1948.

_____. *Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

_____. *Documentário do Nordeste*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.

_____. *O Livro Negro da Fome*. São Paulo: Brasiliense, 1960.

_____. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASTRO, Josué de. [1963]. “Entrevista a Pedro Bloch”, In: *Josué de Castro: Perfis Parlamentares 52*. Brasília, 2007.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

LUDERMIR, Bernardo. “Josué e as circunstâncias”, In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/UFPE, 1983.

MARQUES, Armando. “Josué de Castro: sua figura de professor”, In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/UFPE, 1983.

MANN, Thomas. *A Morte em Veneza*. Rio de Janeiro: Delta, 1965.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MELO, Normando Jorge de Albuquerque. *Não contavam com a minha astúcia: ensaio sobre uma experiência de cidade*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, 2007.

MORIN, Edgar. *Terra-Pátria*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

_____. *Meus demônios*. Lisboa: Publicações Europa-América, (s/d).

PERNAMBUCANO, Octávio. “Josué de Castro”, In: *Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos*. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/UFPE, 1983.

ROSNAY, Joel de. *O Macroscópio – para uma visão global*. Lisboa: Estratégias Criativas, 1995.

SAID, E. *Representações do Intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Tânia Elias Magno da. *Josué de Castro: para uma poética da fome*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

ⁱ Bacharel em Ciências Sociais (UFPE/2004), Mestre em Antropologia pelo (PPGA-UFPE/2007) e atualmente cursa o doutorado em Sociologia (PPGSA-UFRJ). Integra o Núcleo de Imagem e Som em Ciências Humanas (NISCH/UFPE), o Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (NECVU/UFRJ) e o Núcleo Ariano Suassuna de Estudos Brasileiros (NASEB/UFPE), no qual é Coordenador Executivo do Projeto de Extensão Universitária Pontes de Cultura. É autor de dois vídeos-documentários inspirados na obra de Josué de Castro: “FESTA DO MANGUE” (2001) e “BARRACAS DA BEIRA-DA-MARÉ” (2002).